

**ANIMAIS DE COMPANHIA****P-270****FREQUÊNCIA DE HEPATOZOON CANIS EM CÃES IDENTIFICADOS NA CIDADE DE JATAÍ/GO**

Jéssica Bueno Guimarães<sup>1</sup>; Vera Lúcia Dias da Silva Fontana<sup>2</sup>; Sidney Aniceto Rezende Júnior<sup>3</sup>; Thays Nascimento Costa<sup>4</sup>; Jéssica Nayara Fritsch<sup>1</sup>; Lorrane Martins Silva<sup>1</sup>

1-Acadêmicas dos cursos de graduação de Medicina Veterinária e Enfermagem do Câmpus Jataí da Universidade Federal de Goiás-jessybueno92@gmail.com; 2-Professora do Curso de Medicina Veterinária/CAJ/UFG – cassiovera@ibest.com.br/(64) 3606-8224; 3-Técnico de Laboratório/CAJ/UFG; 4-Residente em Patologia Clínica Veterinária/CAJ/UFG

O presente trabalho verificou a frequência do *Hepatozoon canis* em amostras sanguíneas de cães da cidade de Jataí/GO, com técnica de pesquisa parasitológica em esfregaços sanguíneos e de papa leucocitária. O experimento foi executado no Laboratório de Análises Clínicas Veterinária do Câmpus Jataí da Universidade Federal de Goiás no período de agosto de 2012 a março de 2013, examinando amostras de sangue de 178 cães de ambos o sexo, de raças e idades diferentes e com suspeita de hemoparasitoses. As amostras sanguíneas foram acondicionadas em tubos com EDTA 5%, sendo uma gota/5mL de sangue. Procedeu a confecção dos esfregaços do sangue total e da papa leucocitária e na sequência a coloração com panótico. As lâminas foram observadas no microscópio binocular Nikon, sob a objetiva de 100x com óleo de imersão. Dos 178 cães examinados com suspeita clínica de hemoparasitose, 45 animais foram positivos para hemoparasitoses, sendo verificada no exame microscópico a presença de *Hepatozoon canis* em quatro indivíduos. O *Hepatozoon canis* tem sido descrito em cães de várias regiões do Brasil. Em 2006, na região periurbana de Pirai, Rio de Janeiro, foi observada uma frequência de 2,2%, inferior a obtida durante o presente trabalho, em áreas rurais do Rio de Janeiro no ano de 2001; foi registrada a frequência de 39,2%. Na cidade de Jataí, a frequência de *Hepatozoon canis* em esfregaços sanguíneos de cães foi de 8,88% (4/45). Sabendo-se que a parasitose é transmitida pelo carrapato *Rhipicephalus sanguineus* que parasita principalmente os cães, os cuidados com tratamento e controle deverão ser intensificados.

**Palavras-chave:** *Hepatozoon canis*, *Rhipicephalus sanguineus* e cão

**ANIMAIS DE COMPANHIA****P-271****FREQUÊNCIA DE INFECÇÃO POR FIV/FELV EM PACIENTES DO HV-ULBRA E SUAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICAS**

Juliana Pereira Matheus<sup>1</sup>; Paula Preussler dos Santos<sup>2</sup>; Letícia da Silva<sup>3</sup>; Diego Moreira Pujol<sup>3</sup>; Katiana Santos Stelmach Pereira<sup>4</sup>; Mariangela Allgayer<sup>5</sup>

1-Médica Veterinária Aluna do PPG – UFRGS. 2-Médica Veterinária Aluna do PPG – ULBRA/RS. 3-Acadêmico(a) do curso de Medicina Veterinária ULBRA/RS. 4-Acadêmica do curso de Biomedicina ULBRA/RS. 5-Médica Veterinária, PhD, Professor Adjunto do Curso de Medicina Veterinária ULBRA/RS. Email: paulapds@terra.com.br

Os vírus da imunodeficiência felina (FIV) e da leucemia felina (FeLV) causam uma grave imunodeficiência de curso crônico. A prevenção efetiva se dá através da vacinação, já que não existe cura definitiva, apenas tratamento de suporte que melhora a qualidade de vida do animal, a sua taxa de

sobrevivência e evita o aparecimento de doenças associadas. O diagnóstico da infecção baseia-se na detecção de antígenos para o FIV e anticorpos contra o FeLV em amostras de sangue, examinadas com um kit comercial de ensaio imunoenzimático. O presente trabalho investigou a frequência de casos clínicos de gatos diagnosticados para uma ou ambas as retrovíroses, destacando as principais alterações hematológicas relacionadas à infecção viral nos felinos atendidos na rotina clínica do HV-ULBRA, durante o período de março a setembro de 2012. Os resultados obtidos revelaram que durante o período de estudo, foram testados 2,5% dos 1005 gatos atendidos no Hospital, dos quais 56% foram diagnosticados com uma ou ambas retrovíroses, estando a infecção pelo FIV, pelo FeLV e a infecção pelos dois retrovírus presentes respectivamente em 14,3%, 71,4%, e em 14,3% dos casos diagnosticados. Verificou-se que dos 14 animais diagnosticados 58,3% eram machos, 83,3% eram felinos sem raça definida e 64,3% destes foram diagnosticados com idade inferior a quatro anos. Em relação às alterações hematológicas a anemia foi observada em 57,1% dos animais infectados. Destes, 87,5% apresentaram valores aumentados de RDW, VCH, CHCM e características morfológicas de esfregaço sanguíneo compatíveis com anemia regenerativa. Ao leucograma, 21,4% dos felinos apresentou leucopenia e a leucocitose esteve presente em 35,7%. Linfopenia e linfocitose apresentaram-se em 35,7% e 7,2% dos casos positivos, respectivamente. Até o presente momento, 35,8% dos animais diagnosticados vieram a óbito e os demais seguem em tratamento sintomático.

**Palavras-chave:** Felinos, FIV, FeLV, Hemograma.

**ANIMAIS DE COMPANHIA****P-272****GRAUS DE LUXAÇÃO PATELAR EM CÃES: FREQUÊNCIA E TRATAMENTOS**

Andrezza Cavalcanti de Andrade<sup>1</sup>; Amanda Karoline Rodrigues Nunes<sup>1</sup>; Adriana Gradela<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Discente do Colegiado de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, <sup>2</sup>Docente do Colegiado de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail: andrezza.andrade@hotmail.com.br

Dentre as amplas anormalidades que acometem o joelho de cães, a luxação patelar tem sido a mais comum na ortopedia veterinária. A gravidade da patologia ocorre em diferentes graus, onde o grau I é o mais leve e o grau IV o mais grave, com claudicação nos casos mais graves. O tratamento para essa enfermidade pode ser conservador ou cirúrgico, a depender do grau de acometimento. O presente trabalho efetuou um levantamento das publicações científicas realizadas entre 2007 a 2012 sobre luxação patelar em cães e avaliou as ocorrências de luxação medial e lateral, frequência dos graus de luxação e os respectivos tratamentos empregados. Não foram consideradas raça, sexo, idade e a origem das lesões. Num total de 194 casos de luxação patelar, 65% (N= 126/194) foram de luxação patelar medial e 35% (N= 68/194) lateral. O grau de luxação patelar mais comum foi o grau II (52,6%, 102/194) e o menos comum o IV (14,4%, 28/194), enquanto que os graus I e III foram equivalentes (16,5%, 32/194). O tratamento cirúrgico mais utilizado nos graus I e II foi à superposição do retináculo lateral, muitas vezes associado à trocleoplastia. Já nos graus III e IV foram acrescentados a desmotomia, liberação do músculo quadríceps e transposição da crista tibial. Concluiu-se que a luxação patelar medial foi a mais comum e o grau II o mais frequente. Os resultados mostraram que o tratamento cirúrgico foi o mais indicado em todos os graus, contudo nos casos de luxação patelar de grau I, medial ou lateral, o método conservador pode ser utilizado, ao invés da prática cirúrgica.

**Palavras-chave:** claudicação, membros pélvicos, ortopedia veterinária.

## ANIMAIS DE COMPANHIA

### P-273

#### HAMARTOMA FOLICULAR: RELATO DE UM CASO NA ESPÉCIE CANINA

Geyanna Dolores Lopes Nunes; Kilder Dantas Filgueira

O trabalho objetivou a descrição de um hamartoma folicular em canino. Uma cadela, raça Pinscher, com cinco anos e sete meses de idade, possuía uma proliferação na orelha esquerda, apresentando-se desde o nascimento e com lenta velocidade de crescimento. A paciente foi submetida ao exame físico. Optou-se pela biopsia excisional da lesão. O material obtido foi encaminhado para histopatologia. Clinicamente, o animal revelava normalidade dos parâmetros vitais. Contudo, durante a avaliação dermatológica evidenciou-se um nódulo, de abrangência dermosubcutânea, localizado na face convexa do pavilhão auricular esquerdo, com as dimensões de 1,2x0,8x0,8cm, e que apresentava consistência macia, base de inserção pedunculada, sem aderência a planos profundos, forma irregular e superfície íntegra. Não havia envolvimento de outras regiões tegumentares. A análise histopatológica detectou área nodular pouco delimitada formada pela multiplicação de unidades pilosebáceas uniformes bem diferenciadas (com folículos anágenos gigantes) e rodeadas por tecido colagenoso proliferado compactado. As glândulas sebáceas associadas a eles eram hiperplásicas e as glândulas apócrinas estavam bastante dilatadas e contendo material anfífilo inspissado. Não foram observados sinais de malignidade. O quadro morfológico foi compatível com hamartoma folicular. A cadela exibiu uma adequada recuperação pós-operatória. O hamartoma folicular é uma anomalia congênita não neoplásica e de crescimento desordenado. Tem origem nos componentes celulares do próprio tecido, a partir de um erro inato na resposta celular a mensagens de citocinas locais que atuam na organogênese. Não há predileção por região anatômica, raça ou sexo. Na espécie canina, o aparecimento de tal proliferação é raro e são desconhecidos os dados numéricos referentes à sua incidência. Diferentemente das neoplasias, possui progressão limitada, com retenção das dimensões ao longo do tempo. Tal observação foi similar com o caso descrito. Em caninos com tumorações cutâneas presentes desde a época do nascimento, deve-se incluir o hamartoma folicular como um dos diagnósticos diferenciais.

**Palavras-chave:** *Canis familiaris*, tumor não neoplásico, folículo piloso.

## ANIMAIS DE COMPANHIA

### P-274

#### HEMOAGLUTINAÇÃO INDUZIDA POR EDTA EM UM FELINO

Mirelly Medeiros Coelho<sup>1</sup>; Julieta Volpato<sup>2</sup>; Nádia Cristina Weinert<sup>1</sup>; Cláudio Roberto Scabelo Mattoso<sup>3</sup>; Cristine Elizabeth Kirsten<sup>4</sup>; Mere Erika Saito<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciência Animal UDESC, <sup>2</sup>Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciência Animal UDESC; <sup>3</sup>Prof. Departamento de Medicina Veterinária, CAV UDESC, <sup>4</sup>Aluno de Graduação curso Medicina Veterinária, CAV UDESC. E-mail: myrellymvvet@hotmail.com

Um felino fêmea, sem raça definida, seis anos de idade, pesando 4kg, foi atendido no Hospital de Clínica Veterinárias da Universidade do Estado de Santa Catarina (CAV-UDESC), para avaliação pré-operatória (ovariossalpingohisterectomia). O animal se apresentava clinicamente saudável e como conduta pré-operatória foi solicitado hemograma completo. O sangue foi coletado por venopunção jugular e acondicionado em tubo contendo EDTA. Durante o processamento da amostra não foi possível a realização da contagem de eritrócitos por método automático devido a provável aglutinação eritrocitária, dessa forma foi realizada contagem em câmara de Neubauer com a amostra diluída em solução isotônica (PBS pH 7,4). Durante a avaliação microscópica do esfregaço sanguíneo foi observada intensa aglutinação de eritrócitos. O teste de aglutinação em solução salina apresentou aglutinação positiva. O paciente não estava anêmico e/ou icterico, descartando-se assim a anemia hemolítica imunomediada, causa comum de aglutinação eritrocitária em animais. Foi realizada nova coleta de amostras de sangue devido à suspeita de hemoaglutinação induzida por EDTA. As amostras sanguíneas foram acondicionadas em três diferentes tubos com anticoagulantes distintos, um tubo com EDTA 10%, outro com citrato de sódio 3,8% e o último contendo heparina sódica 5000UI/mL. A amostra com EDTA apresentou intensa aglutinação durante a avaliação microscópica do esfregaço sanguíneo, sendo que esta alteração não foi observada nas amostras tratadas com citrato de sódio ou heparina sódica. No teste de aglutinação em solução salina a amostra com EDTA apresentou resultado positivo com intensa aglutinação, já as outras amostras não apresentaram aglutinação eritrocitária, comprovando que o paciente apresentava hemoaglutinação induzida por EDTA. Este achado mostra a necessidade de se reconhecer a hemoaglutinação *in vitro*, prevenindo-se, assim, o diagnóstico errôneo de anemia hemolítica imunomediada e, conseqüentemente, a instalação do tratamento equivocado do paciente.

**Palavras-chave:** anemia hemolítica imunomediada, EDTA, hemoaglutinação.

## ANIMAIS DE COMPANHIA

### P-275

#### HEMOGRAMA DE CAMUNDONGOS BALB/C PORTADORES DO CARCINOMA MAMÁRIO 4T1 TRATADOS COM EXTRATO ETANÓLICO DA ARRABIDAEA CHICA

Brunna Silva Pena; Ana Flávia Ribeiro Machado Michel; Jeane Martinha dos Anjos Cordeiro; Thaís Maria da Silva Costa; Marília Martins Melo

Grande parte dos quimioterápicos em uso induz efeitos indesejáveis como toxicidade para medula óssea, anemia e leucopenia. A avaliação da toxicidade de novas substâncias citotóxicas antitumorais é essencial. O presente trabalho